

## QUEM FOI WILFRED RUPRECHT BION ?

### A VIDA

Bion nasceu em 8 de setembro de 1897, em Muttra, Punjab, na Índia. Seu pai trabalhava como engenheiro civil e era um administrador confiável, profundamente identificado com o cenário indiano.

Aos 8 anos de idade, como era costume para os filhos de oficiais do Governo Britânico, naquele tempo, Bion foi mandado para a Inglaterra estudar no Bishop's Startford College. Sua mãe, uma pessoa simples, mas com boa capacidade intuitiva, o visitava esporadicamente.

Na escola teve uma destacada participação esportiva e aos 17 anos se dispõe a ser um desportista internacional.

Seus interesses iniciais eram de estudar História, mas se alista nas Forças Armadas, vivencia inúmeras batalhas, recebe honras e aos 21 anos chega a capitão. Terminada a guerra, ingressa aos 22 anos no curso de História. Estuda também Filosofia, Línguas (latina e grega) e Literatura Francesa. Entra no curso de medicina e aos 33 anos forma-se, ganhando uma medalha de ouro como cirurgião e outras distinções significativas.

Em 1932, inicia sua prática em psiquiatria, trabalha com o Dr. Hadfield, defensor da terapia psicanalítica e um dos fundadores da Tavistok Clinic, onde também trabalha por 15 anos. Até 1940 teve significativa experiência com delinquentes.

Bion casa-se com uma famosa atriz de teatro, Elisabeth Jardine, com quem teve sua primeira filha (Partenope) e que morre três dias após o parto, em 1945.

Com 48 anos, em 1945, instala-se em Iver Heath, aluga um consultório, inicia sua formação psicanalítica e sua análise com Melanie Klein, que dura até 1953.

Interessa-se pelo tratamento em grupo, juntamente com John Rickman (seu primeiro analista [1937-1939]), estruturando suas idéias que culminaram no livro "Experience with groups", de 1961.

No consultório, Bion estudou a personalidade psicótica e escreveu uma série de trabalhos muito originais, apresentados em Congressos e Jornais de Psicanálise. A ênfase estava colocada na relação entre o pensamento e a linguagem na psicose, junto com o tratamento analítico das mesmas. Formula uma teoria das psicoses que até hoje tem grande valor para a maioria dos psicanalistas que utilizam o referencial kleiniano.

Em junho de 1951 casa-se novamente com Francesca, a quem conheceu no Instituto de Relações Humanas da Tavistok e o influenciou muito na sua vida e carreira. Teve com ela dois filhos: Julian (médico anestesista) e Nicola (lingüista). Francesca tornou-se uma companheira dedicada e inseparável até o fim de sua vida.

No ano de 1956, Bion foi nomeado diretor da Clínica de Londres de Psicanálise, ocupando esse cargo até 1962, quando assumiu a presidência da Sociedade Britânica de Psicanálise até 1965.

Aos 71 anos, Bion transfere-se para Los Angeles, passando a ter maior contato com a Argentina e o Brasil. Proferiu conferências no Rio e em São Paulo em 1973, em 1974, em 1975 e em 1978. No ano de 1979 volta para a Inglaterra, onde morre de leucemia em novembro, aos 82 anos.

Bion deu conferências em muitos lugares e escreveu 14 livros. Foi considerado um pensador de intelectualidade profunda e exigente, junto a uma sensibilidade muito aguda. Nele, o pensamento e a emoção se apóiam mutuamente. É tido como um dos pensadores da psicanálise mais originais e corajosos.

Bion teve a sabedoria de conservar tudo o que aprendeu de Freud e Melanie Klein, adicionando suas concepções. Criou novas idéias teóricas e técnicas e é reconhecido como o terceiro grande gênio da psicanálise. Foi uma personalidade invulgar, sendo que a originalidade e o alcance de suas postulações, paradoxos e reflexões provocaram um profundo impacto na psicanálise moderna.

## A OBRA

É muito difícil mostrar-se de forma resumida toda a riqueza de possíveis aplicações do pensamento bioniano no trabalho clínico. Sua teoria, mesmo nos desenvolvimentos mais abstratos e complexos, mantém-se sempre muito em contato com a base empírica proporcionada pelo trabalho no consultório, deixando-o num estado mental muito especial frente a seus pacientes.

A experiência pessoal, no que se refere a esse estado mental, com o tempo, passa a privilegiar os seguintes propósitos:

- O acesso aos estados mais primitivos do desenvolvimento mental.
- A possibilidade de detectar os diferentes funcionamentos da mente: neurótico e psicótico.
- A atenção permanente aos processos de pensamento e a suas dificuldades, marcadas em sua concepção dos vínculos L (amor), H (ódio), K (conhecimento).
- O lugar que ocupam e as funções que desempenham na mente humana a verdade, a falsidade e a mentira.
- O seu tão conhecido conceito “sem memória e sem desejo”.
- As noções de vértices, fato selecionado, mudança catastrófica e transformações.
- O signo “O” utilizado por Bion, designa tanto a letra O como zero. É uma abstração, a de um ponto de origem no espaço infinito. “O” representa o incognoscível, a busca da verdade última, ou seja, a coisa em si mesma.

Na obra de Bion, iremos encontrar uma nomenclatura que é genuinamente sua, bem diferente dos outros psicanalistas. Ele o fez com o objetivo de que seu leitor não se sentisse tentado a fazer o que é muito comum entre nós: reduzir os conhecimentos novos aos anteriores com os quais estamos seguramente familiarizados. Em relação à categorização de suas idéias e concepções como um corpo teórico próprio, ele afirma que as suas observações, pensamentos e postulados não se constituem com a finalidade de ser uma teoria psicanalítica a mais, e tampouco em negações das teorias já existentes, mas sim em uma forma de como observar e fazer uso destas.

Bion inicia em sua obra a investigação de uma função desconhecida que chama de FUNÇÃO ALFA. Foi assim denominada para evitar a acumulação de significados que um nome específico traria consigo. É definida como uma investigação que se ocupa do pensar, do pensamento e da aprendizagem pela experiência emocional. Essa FUNÇÃO ALFA cria nas pessoas ELEMENTOS ALFA. Bion supôs que os ELEMENTOS ALFA seriam os precursores da memória, do pensar inconsciente de vigília, do pensamento onírico e possuem a notável capacidade de articular-se.

Quando a FUNÇÃO ALFA, entre a mãe e o bebê, fracassa, o aparelho psíquico não fabrica ELEMENTOS ALFA. As experiências emocionais não podem, portanto, ser metabolizadas, ficando como coisa em si mesma. Quando ocorre esse fracasso, os ELEMENTOS BETA, que são os facilitadores da identificação projetiva, não são transformados em ELEMENTOS ALFA. Esses ELEMENTOS BETA não produzem sonhos e na clínica são reconhecidos quando os elementos oníricos não levam a nenhuma associação. São sonhos meramente evacuativos.

## CESURA

O termo cesura vem da gramática, sendo uma pausa dentro de uma linha poética que rompe a regularidade do padrão métrico.

Bion nos leva pensar nos fenômenos distintos, na aparência da vida pré e pós-natal e a investigar o que está entre uma e outra e a isto ele chama de cesura. Desenvolve sua noção de cesura hierarquizando suas características de separação e continuidade, semelhança e diferença. Toma a cesura do nascimento como modelo para entender as inúmeras cesuras que ocorrem em situações menos dramáticas, mas que desafiam o paciente a mover-se de um estado mental a outro no desenvolvimento.

Bion nos convida a investigar no tratamento psicanalítico a cesura, o vínculo e a sinapse. Cesura é tanto a brecha quanto a sinapse. O crescimento implica uma permeabilidade e bidirecionalidade da cesura, o suficientemente adequada, para dar lugar tanto à discriminação quanto ao contato.

Com a noção de cesura, Bion introduz o problema da mudança que deve atravessar uma personalidade, conseguindo o crescimento através da aprendizagem pela experiência emocional. Essa mudança implica necessariamente o esforço da passagem de um estado mental a outro; uma oscilação dinâmica entre estados de dispersão e de integração. É o esforço que implica passar de um modo de conceber um problema a outro, de um estado mental infantil a um adulto, de um desconhecimento a um conhecimento de si mesmo. Conhecer-se a si mesmo exige uma alta dose de tolerância à frustração.

No livro “Memórias do Futuro”, Bion traz exemplos de cesuras, tais como: passado/presente, pré-natal/pós-natal, passado/futuro, presente/futuro, narcisismo/socialismo, mente/corpo, etc.

Nos mostra também que uma das características da cesura é a possibilidade de uma mudança dinâmica e bidirecional entre estados mentais, sendo um valioso aporte para os problemas da prática psicanalítica ao considerar o desenvolvimento da personalidade. O modelo não é o do progresso, nem o de integração kleiniano, se não o que implica que a riqueza do crescimento mental está na possibilidade de colocar em contato estados mentais diferentes, para que possam entrar em diálogo.

Uma das tarefas da psicanálise que aspira o crescimento mental é a do desenvolvimento que possibilita transcender as múltiplas cesuras, com uma idéia de penetração e atravessamento bidirecional. A personalidade adquire um instrumento para penetrar a barreira de não compreensão de si mesmo. Para o analista também é necessário um estado mental de sem desejo, sem memória e sem ânsia de compreensão. Isto se resume na capacidade negativa, nome que Bion toma do poeta inglês Keats e que descreve como a possibilidade do “homem capaz de existir entre incertezas, mistérios, dúvidas sem desesperar-se em alcançar o fato e a razão”.

## MUDANÇA CATASTRÓFICA

Mudança catastrófica é a denominação com que Bion chamou a atenção para um tipo particular de configuração inerente a estruturas de mudança psíquica e transformação. Sua realização pode dar-se na mente, no grupo, na sessão analítica ou na sociedade.

A mudança catastrófica faz parte do crescimento mental. Na experiência analítica, a mudança psíquica é catastrófica em vários sentidos: 1) referente a um acontecimento que produz uma subversão da ordem prévia das coisas; 2) no sentido de que está acompanhado por sensações de desastre nos participantes; 3) no sentido de que é brusco e violento de um modo quase físico.

A mudança catastrófica pode ser considerada como uma função psicológica que harmoniza uma série de fatores passíveis de serem investigados. Um deles é a invariância – considerada o original não transformado. São os elementos que formam o aspecto inalterado no processo de transformação, os aspectos da estrutura anterior que se pode reconhecer na nova. O outro é a subversão do sistema, que se refere a uma alteração desarticulando uma conjunção constante previamente existente. E o último é a violência, inerente à alteração, que se relaciona a um fato que adquire significado, com a percepção de sensações de desastre.

A denominação catastrófica não implica catastrófica no sentido geral da palavra, mas significa uma alteração que desorganiza o sistema constituído antes do mesmo. O ato de conhecer é, em si mesmo, uma mudança catastrófica. Conhecer requer tolerar o aparecimento de uma expectativa (pré-concepção) com os fatos que se aproximam (realização). O resultado dessa experiência emocional é um conceito. O que se infere disso é que o ato de aprender da experiência emocional leva a sucessivas mudanças catastróficas que vão acrescentando o saber na área das relações interpessoais. O insight no processo analítico configura uma mudança catastrófica.

No livro “Transformações” (1991), Bion diferencia duas etapas: a pré e a pós-catastrófica. Na primeira, a análise é mais teórica do que emocional, predominando os sintomas hipocondríacos e a violência fica circunscrita aos fenômenos do insight psicanalítico, é a violência teórica. Na segunda etapa, os componentes hipocondríacos

interferem menos, se desperta a emoção no analista, a violência está evidente, mas a contraparte ideacional falta.

## A GRADE

Bion criou a grade como um instrumento para categorizar enunciados expressos na sessão analítica e conseguir um registro dos mesmos. Esses podem ser utilizados para uma auto-supervisão ou para tarefas de investigação.

Na grade, registram-se formulações lingüísticas junto a experiências emocionais que ocorrem na sessão, podendo ser utilizada para condutas, gestos, sentimentos e outras linguagens. É utilizada também para o registro da transferência.

Esse instrumento não deve ser usado na sessão para não perturbar o contato emocional do analista com o paciente, somente após, pois serve para manter ativa a intuição psicanalítica.

Bion encontrou nos mitos os fenômenos do homem em relação ao conhecimento e seus riscos. Entre eles o do Édipo, do Éden e o da Torre de Babel. A curiosidade, seu estímulo e seu castigo é um fator presente em todos eles, podendo-se reconhecer o crescimento e o decrescimento mental. A curiosidade está implícita no enigma da esfinge e no mito de Édipo, na busca do conhecimento, no Jardim do Éden, e na busca do reino de Deus, no de Babel. A curiosidade científica em busca de uma verdade é um fator de crescimento mental se há capacidade para tolerar seus limites éticos. Do contrário, seu castigo é a morte, a cegueira, a expulsão e a confusão de línguas, significando um decrescimento mental.

## PARTE PSICÓTICA DA PERSONALIDADE

Nos legados de Bion, um ponto muito importante é o que ele denomina como parte psicótica e não psicótica da personalidade. Essa parte psicótica não equivale a um diagnóstico psiquiátrico, mas sim a um modo de funcionamento mental, coexistente a outros tantos. A PPP designa comportamentos mais regressivos, com núcleos primitivos enquistados na personalidade de qualquer indivíduo. Assim como todo paciente psicótico tem uma parte neurótica em sua personalidade, os neuróticos também têm uma parte psicótica subjacente e oculta. E pode-se afirmar, com absoluta convicção, que uma análise que não tenha tratado dessa parte psicótica está inconclusa e corre o risco de ter produzido resultados analíticos superficiais. Entre a parte psicótica de um paciente neurótico até a franca esquizofrenia clínica, existe o fator quantitativo que pesa consideravelmente, determinando o grau de sanidade de uma pessoa. A clínica comprova que quanto mais o paciente entra em contato com esses núcleos psicóticos, mas vai se aliviando e mais o seu self vai se estruturando e integrando-se. Um dos objetivos do tratamento psicanalítico é propiciar que essas partes da personalidade dialoguem entre si.

As características básicas que estão presentes na PPP são: 1- Fortes pulsões destrutivas, com predomínio da inveja e da voracidade. 2- Baixa tolerância às frustrações, no lugar de modificá-las. 3- As relações interpessoais mais íntimas são caracterizadas pelo vínculo sadomasoquista. 4- Uso excessivo de dissociações e identificações projetivas patológicas. 5- Uso excessivo de projeções e sentimentos e pensamentos persecutórios. 6- Grande ódio à realidade interna e externa, com preferência pelo mundo das ilusões. 7-

Ataque aos vínculos de percepção e aos de juízo crítico, resultando num prejuízo do pensamento verbal, da formação de símbolos e do uso da linguagem. 8- A onipotência, a onisciência e a imitação substituem o processo de aprender com a experiência. O orgulho dá lugar à arrogância, o desconhecimento leva à estupidez e a curiosidade se transforma em intrusividade. 9- A pouca capacidade de discriminação leva a uma confusão entre o verdadeiro e o falso, tanto do próprio self como do que está fora. 10- Fuga à verdade, prevalecendo a negação através de distorções, camuflagens, omissões ou mentiras deliberadas.

Em relação ao vínculo primário mãe/bebê, Bion enfatiza a importância da função RÊVERIE materna. É a função de continente da mãe (ou analista) que colhe e contém as necessidades e angústias que os filhos colocam dentro dela. O analista deve ter essa capacidade bem desenvolvida para, além de conter o conteúdo projetado, saber decodificar o seu significado, dar sentido e devolver ao paciente nomeado e desintoxicado. Bion denomina de “terror sem nome” a angústia que sente o bebê que fica sem ser nomeada e não é decodificada pela mãe. Essas cargas emocionais levam a uma evitação da dor depressiva e é um fator de inibição do crescimento mental. O paciente, muitas vezes, também não consegue verbalizar o que está sentindo, não conseguindo traduzir em palavras. Isso não é resistência, mas é uma angústia muito antiga que nunca adquiriu uma representação-palavra.

Bion descreveu três tipos de vínculos: do amor ( L ), do ódio ( H ) e do conhecimento ( K ). O vínculo do conhecimento pode ser acompanhado do sinal “ – ” (negativo), que é quando o paciente não quer tomar conhecimento da verdade.

A personalidade psicótica utiliza em demasia os mecanismos projetivos e dissociativos de seus objetos internos de tal maneira que o psicótico sente-se rodeado de fragmentos expulsos que o ameaçam e o cercam por todos os lados. Esses objetos Bion denominou de bizarros, em função de sua imprevisibilidade, pois escapam ao controle do sujeito, ficando alojados em objetos materiais do mundo exterior, de forma a emprestar-lhes características da natureza humana.

## A TEORIA DO CONHECIMENTO

A prática clínica auxiliou Bion a concluir que os pensamentos são indissociáveis das emoções, portanto é necessário que exista na mente uma função, que dê sentido e significado às experiências emocionais.

Esse vínculo entre os pensamentos e as emoções foi denominado por Bion como vínculo K, ou seja, do conhecimento. Ele concebeu a formação do conhecimento de uma forma indissociada da formação do pensamento, sendo que ambas se originam inicialmente como uma reação à experiência emocional primitiva, decorrente da ausência do objeto. Conhecer é uma parte do pensar, o qual é bem mais amplo.

O eixo central na formação do conhecimento, como também na do pensamento, é a maior ou menor capacidade da criança em tolerar as frustrações resultantes das privações. A criança tanto pode fugir dessas frustrações como pode aprender a modificar a realidade através da atividade do pensar e do conhecer.

O desenvolvimento cognitivo será mais exitoso se o modelo da mãe real utilizar o seu próprio conhecimento e pensamento para conter as angústias do filho, agregado à capacidade da criança em relação à formação de símbolos que depende do ingresso na posição depressiva, juntamente com seu desejo de conhecer os conteúdos mentais. Ou seja, não é suficiente a mãe amar o seu bebê, ela precisa querer compreendê-lo.

O vínculo K é conceituado por Bion como sendo aquele que existe entre um sujeito que busca conhecer um objeto (pode ser ele próprio ou alguém de fora) e um objeto que se presta a ser conhecido. Representa também um indivíduo que busca conhecer a verdade acerca de si mesmo.

No desenvolvimento do vínculo do conhecimento surgem três possibilidades:

- 1- Se a capacidade de RÊVERIE da mãe for adequada e suficiente, a criança terá condições de fazer uma aprendizagem com as experiências positivas e negativas vividas, impostas pelas privações e frustrações. A criança, nesse caso, desenvolve uma função K que possibilita enfrentar novos desafios em um círculo benéfico de aprender com a experiência, à medida que introjeta a função K da mãe.
- 2- Caso contrário, se a capacidade de RÊVERIE da mãe para conter a angústia da criança não for suficiente, as projeções que tenta depositar na mãe são obrigadas a retornar a ela sob a forma de um “terror sem nome”, o qual gera mais angústia e mais ódio.
- 3- No lugar de K forma-se um vínculo –K, ou um não K, que são os casos mais extremos em que a mãe externa não contém e não dá significado, sentido e nome às identificações projetivas do bebê.

É importante salientar que a função K não se refere somente à posse de um conhecimento ou saber, mas sim a um enfrentamento do “não saber”. Assim, o saber será o resultado da tarefa do descobrimento e do aprendizado com as experiências da vida: as boas e as más.

A função do conhecimento está intimamente ligada à da formação de símbolos, sendo esses que permitem uma evolução da criança à condição de poder conceituar, generalizar e abstrair, expandindo o seu pensar e o seu conhecer.

Para Bion, uma teoria é um produto de um processo de pensar e, simultaneamente, é uma pré-concepção que espera realizações que se aproximem dela. A pré-concepção é análoga ao pensamento vazio kantiano. A concepção é a junção de uma pré-concepção com uma realização e o pensamento surge da união de uma pré-concepção com uma frustração. Os conceitos têm nome, são concepções ou pensamentos firmados.

## MEMÓRIA E DESEJO

A conhecida proposta de Bion: “sem memória e sem desejo” vem apoiada em vários pressupostos salientados por ele. Nos diz que como registro de fatos, a memória é sempre enganadora, pois é distorcida pela influência de forças inconscientes e os desejos interferem na operação do julgar, pela ausência de mente

no momento em que a observação é essencial. Desejos distorcem o julgamento por selecionarem e suprirem o material a ser julgado.

Para Bion, a sessão psicanalítica não pode ter história nem futuro. Aquilo que é “conhecido” sobre o paciente não tem a menor consequência: ou é falso ou é irrelevante. O único ponto de importância na sessão é o desconhecido.

O analista precisa disciplinar seu pensamento. Para isso tem que ter tido uma análise, a mais completa possível.

Em relação à memória, Bion sugere para o analista não lembrar conscientemente de sessões anteriores, assim não ocupa a mente com suposições. Caso contrário, a evolução da sessão não será observada no momento em que ela está ocorrendo.

Em relação aos desejos, Bion propõe que o psicanalista evite qualquer desejo de chegar ao fim da sessão, da semana ou do ano. Também não deve permitir que surjam desejos de resultados, de “cura” ou mesmo de compreensão.

Se o psicanalista se mantiver nessa disciplina, inicialmente sua ansiedade aumentará, mas depois entenderá que cada sessão é completa em si mesma. O progresso é medido pela quantidade e variedade crescentes de estados de humor, idéias e atitudes observáveis em cada hora de análise. O psicanalista deve buscar um estado mental que a cada sessão ele sinta que nunca viu o paciente antes. As interpretações ganham força e convicção por derivar da experiência emocional e não de teorias generalizadas “lembradas” de modo imperfeito.

A visão que Bion tinha do tratamento era de não polemizar com o paciente, contrapondo a verdade dele com a do analista, mas de abrir novos vértices, novas possibilidades de visualizar o mesmo fato. Com isso o terapeuta está instigando o paciente a refletir.

Em relação ao setting analítico, Bion dá a entender que não se refere somente a horários, espaço físico e honorários, mas a um “campo analítico”, onde analista e paciente vão interagir profundamente, influenciando e sendo influenciado um pelo outro. É um espaço emocional onde o paciente vai experimentar e re-experimentar fortes experiências emocionais, que foram mal resolvidas no passado, podendo agora encontrar novas soluções.

Bion atribui grande importância à dor psíquica, no sentido de que mais que sentir a dor, é necessário sofrê-la, para poder crescer com a experiência. No livro *Atenção e Interpretação*(1973), encontramos a idéia de que o tratamento psicanalítico não “tira” a dor do paciente, mas aumenta sua capacidade para suportá-la. Toda a mudança do indivíduo, num processo de análise, é acompanhada de sofrimento. O paciente pode fugir da dor ou enfrentá-la, sendo esse último o caminho da transformação, a busca do socialismo, no lugar do narcisismo.

“A minha teoria é uma espécie de sumário de minha experiência”, frase que traduz muito dos ensinamentos de Bion. O que assimilamos dele e conseguimos aplicar na prática clínica é realmente transformador. Seu critério de “cura”, diferente do modelo médico, é o de crescimento mental, com progressivas mudanças significativas. Um paciente está em condições de terminar sua análise quando adquiriu uma função psicanalítica, ou seja, longe fisicamente de seu analista consegue dialogar com suas diversas “partes”.

Dizia ele que a psicanálise não deveria ficar só nos consultórios, pois é uma prática de vida. Por isso que não existe uma crise da psicanálise, pois a função analítica é inerente ao ser humano e enquanto existir o homem existirá a psicanálise.

## REFERÊNCIAS

- BION, Francesca. Cogitações. Imago, Rio de Janeiro, 2000.  
BION, W. R. As Transformações. Imago, Rio de Janeiro, 1991.  
\_\_\_\_\_. A Atenção e Interpretação. Imago, Rio de Janeiro, 1973.  
\_\_\_\_\_. O Aprender com a Experiência. Imago, Rio de Janeiro, 1991.  
\_\_\_\_\_. Uma Memória do Futuro. Imago, Rio de Janeiro, 1975.  
ZIMERMAN, DAVID E. Bion: da teoria à prática – uma leitura didática, Artmed, Porto Alegre, 2004.  
COMISSÃO ORGANIZADORA DE BION 99. Algunas nociones acerca de la vida y la obra de W. Bion.

## QUEM FOI WILFRED RUPRECHT BION

TRABALHO SOBRE O SEMINÁRIO DE BION  
COORDENADOR: Dr. JOSÉ LUIZ PETRUCCI  
CANDIDATA: ROSA BEATRIZ SANTORO SQUEFF  
AGOSTO DE 2006